



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Interpretação e Leitura:

*A hermenêutica fenomenológica de Paul Ricoeur
como fundamentação para os estudos de recepção¹*

Luanda Schramm

aluna do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação da UFF

RESUMO: Este trabalho pretende pontuar algumas contribuições do filósofo francês Paul Ricoeur para o estudo da comunicação, em especial para as perspectivas que têm como ponto de partida a questão do público, ou do “leitor”, ou seja, os estudos de recepção. Nosso propósito é situar os conceitos de leitura e interpretação desenvolvidos pelo autor. Para tanto, trataremos da fenomenologia do ato de leitura, em que Ricoeur introduz a noção de mundo do leitor como instância produtora de sentido das obras literárias. Sua teoria da leitura contém uma sólida fundamentação para os estudos de recepção, no que diz respeito à questão específica do “leitor”. Num olhar mais amplo, a hermenêutica desenvolvida ao longo de sua carreira intelectual, sustenta toda investigação que assuma o caráter subjetivo e perspectivo do conhecimento.

(Palavras-chave: interpretação, leitura, recepção)

Interpretação e Leitura

¹ Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Um estudo de recepção é, sobretudo, a interpretação de um pesquisador sobre o momento em que um dado público “lê” determinadas mensagens e produz sentido. Porém, a capacidade interpretativa não está restrita ao pesquisador. Do mesmo modo, cada um interpreta as mensagens, decifrando-as com códigos próprios, oriundos de seu contexto socio-cultural. Não existe uma experiência direta da realidade sem interpretação. E toda interpretação é em alguma medida corrompida por preconceitos ou pressuposições culturais e pessoais do intérprete.

A hermenêutica é o ramo do conhecimento filosófico em que os problemas teóricos da interpretação são confrontados. Hermenêutica, pode-se dizer, é a “arte da leitura”, da interpretação, isto é, a arte de decifrar o sentido dos textos. Paul Ricoeur estendeu a noção de texto para todas as objetificações da existência humana. Uma vida humana é, para ele, análoga a um texto, pois assim como um texto, uma vida expressa um sentido que pode, em princípio, ser explicitado por meio da interpretação. O problema da leitura e compreensão de um “texto” se torna uma nova metáfora para todos os tipos de compreensão, incluindo a compreensão dos fenômenos sociais e culturais.

Breve genealogia do pensamento hermenêutico

A hermenêutica, enquanto ciência geral da interpretação, teve sua origem na filologia grega e na exegese bíblica. Percebendo os textos como totalidades coerentes ou orgânicas, em vez de simples coleções de partes separadas, os gregos esperavam que estes fossem consistentes na gramática, no estilo e nas idéias. Em conformidade com este pensamento, codificavam regras gramaticais e de estilo para verificar e emendar passagens textuais. Estendendo a lógica da parte e do todo para o conjunto da produção de escritores ou estudantes, os gregos eram também capazes de atribuir autoria a trabalhos de origem incerta ou desconhecida.

As exegeses eram mais conhecidas por suas leituras alegóricas da Bíblia, quase sempre às custas do sentido literal¹ (oficial). Os comentadores cristão achavam dentro do

¹ Interpretações não-literais da Bíblia proliferaram na Idade Média. As histórias do Velho Testamento eram lidas como precursoras de episódios análogos no Novo Testamento. Após a tradução luterana da Bíblia, a exegese protestante tendia a ler os textos como respostas a situações históricas, em vez de

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



signo visível um sentido latente, escondido—de acordo com a intenção que eles lhes atribuíam de antemão. Exemplos deste método foram encontrados em Vedas, Homero, Alcorão e outras escrituras sagradas.

Schleiermacher foi o primeiro a tentar unificar as operações comuns aos ramos da exegese bíblica e da filologia greco-romana.² No mesmo impulso de constituir uma hermenêutica geral, Dilthey³ desenvolveu uma *hermenêutica metodológica*, subordinada ao conhecimento histórico e com orientação psicológica, que buscou produzir interpretações sistemáticas e científicas. No século XX, a *hermenêutica filosófica* de Heidegger e Gadamer mudou o foco da interpretação para a compreensão existencial, considerada como um modo direto, não-mediado e autêntico de *ser-no-mundo*—e não um modo de conhecimento. Reagindo ao relativismo desta postura, Habermas propôs sua *hermenêutica crítica*—uma reconstrução compreensiva e metodologicamente auto-reflexiva das bases sociais do discurso e da compreensão intersubjetiva. Finalmente, Ricoeur, na sua *hermenêutica fenomenológica*, tentou sintetizar as diversas correntes. Nos limites deste artigo, analisaremos os elementos essenciais da teoria da interpretação de Paul Ricoeur. Hermenêutica, para ele, é a teoria das operações da compreensão em sua relação com a compreensão dos textos. A compreensão (no nível ontológico) não é um simples modo de conhecer, é antes uma maneira de ser e de relacionar-se com os outros seres e com o Ser. Este trabalho considera a hermenêutica antes como uma filosofia da compreensão do que como um conjunto de técnicas de interpretação em domínios específicos.

Teorias hermenêuticas diferem na maneira como abordam o sentido e a compreensão. Mas a hermenêutica, de um modo geral, fundamenta o sentido dos textos na intenção do autor, nas suas histórias e na relevância dessas histórias para os leitores. Em

expressões de princípios teológicos. Martin Luther King dizia que os cristãos poderiam redescobrir sua fé lendo a Bíblia por si mesmos. Os oficiais da Igreja Católica respondiam, obviamente, que a Bíblia era muito obscura para ser lida sem orientação.

² As interpretações dos textos sagrados da antiguidade eram hermenêuticas particulares, regionais. Era preciso subordinar as regras particulares à problemática geral do compreender.

³ Dilthey pretendia subordinar a filologia e a exegese à História, estimulado pelo grande êxito da historiografia alemã, no séc.XIX. Dilthey estava imerso num clima de ascensão do positivismo e uma apologia do conhecimento experimental. Seu intento era dotar as “ciências do espírito” do mesmo prestígio das ciências da natureza, numa espécie de réplica ao positivismo.

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



contraste, a filosofia analítica geralmente identifica o sentido com as referências externas do texto e o estruturalismo encontra o sentido na combinação de suas palavras.

A hermenêutica, na perspectiva adotada aqui, vê os textos como meios para a transmissão das experiências, crenças e julgamentos de um sujeito ou comunidade para outro. Conseqüentemente, a determinação de sentidos específicos é uma questão de julgamento prático e de senso comum—não de uma teoria *a priori* e de prova científica.

As teorias e aplicações hermenêuticas também compartilham a idéia do *círculo hermenêutico*, ou seja, a noção de que a compreensão ou definição de alguma coisa emprega atributos que já pressupõe uma compreensão ou definição daquela coisa.

Em linhas gerais, o projeto hermenêutico da leitura de um texto começa com a contextualização do autor, do texto, e do leitor. O texto é radicalmente influenciado pela construção intencional do trabalho do autor, mas também possui sua própria independência em relação a ele: um texto sempre possui “vida própria”. Um texto contém sentidos independentes das intenções do autor, refletidos nos pressupostos pessoais e socio-culturais em que, inconscientemente, o autor vive e escreve. Portanto o contexto do autor é também um elemento importante e necessário na leitura e compreensão do texto. O leitor também possui pressupostos pessoais e culturais que influenciam radicalmente o modo como o texto é lido e compreendido. Logo, o leitor também opera dentro de um contexto. Além disso, um texto desenvolve sua própria história de interpretação, que posteriormente prescreve suas possíveis leituras e releituras.

Paul Ricoeur diria que a ‘boa interpretação’ deve começar pela contextualização do autor e da obra, passando pela interpretação da coisa do texto, tentando responder às questões: *Quem fala? Para quem fala? Em que condições e por quê?* (Em que condições ocorre o processo de comunicação e interpretação), e, por fim, *Porque eu interpreto isso dessa maneira?* (inclusão da subjetividade do intérprete e o reconhecimento do caráter perspectivo e finito de toda interpretação). Os limites da hermenêutica aparecem quando a interpretação dobra-se sobre si mesma. Portanto, a interpretação não deve buscar a verdade, pois estará sempre restrita à visão de mundo do intérprete, enquanto sujeito histórico e cultural. A interpretação deve buscar o sentido.



Ao longo de sua carreira, o interesse principal de Ricoeur tem sido a ação do sujeito humano. A motivação que permeia sua multi-facetada produção filosófica tem sido a convicção de que a existência humana é significativa. Para ele, existe na existência uma super-abundância de sentido. A tarefa de uma filosofia reflexiva, como Ricoeur a vê, é esclarecer a existência pelo uso de conceitos. Sentido e existência são os dois termos que se somam no seu empreendimento filosófico. “*A filosofia de Ricoeur é existencial na medida em que tem por objeto a existência humana; e é fenomenológica e hermenêutica em razão do método que ele emprega para decifrar os signos que expressam nosso afã em existir e nosso desejo de ser*”⁴. Seu propósito definitivo é a criação de recursos metodológicos para tematizar, isto é, tornar explícito, o sentido da existência; ou seja, interpretar o que significa ser um sujeito humano ativo. Sua virada hermenêutica foi iniciada em seu *ensaio sobre Freud* (1965) e em uma de suas maiores coletâneas de ensaios, *O conflito das interpretações* (1969), embora apareça de modo embrionário em suas obras anteriores⁵.

A noção de sujeito, ou de subjetividade humana⁶, é uma das questões centrais para o existencialismo e a fenomenologia, mas também tem sido o alvo de duras críticas. Muitos dos escritos de Ricoeur são polêmicos por tentar replicar e refutar seus adversários, entre eles os adeptos da psicanálise freudiana, do estruturalismo e de várias formas de anti-humanismo. “*A característica mais notável dos escritos polêmicos de Ricoeur é o modo como ele buscou não apenas refutar seus adversários, mas aprender com eles, de uma maneira dialética e conciliatória—elaborando no processo uma concepção de sujeito humano mais ampla e filosoficamente mais robusta*”⁷.

Pelo seu interesse em um diálogo transdisciplinar com as ciências humanas, Ricoeur tem sido uma fonte significativa de influência para o campo e, juntamente com Gadamer, é o principal responsável pelo que ficou sendo chamado “o giro interpretativo” nas ciências

⁴ Paul Ricoeur, “*The Task of Hermeneutics*” in John B. Thompson ed., *Hermeneutics and the Human Sciences* (New York: Cambridge University Press, 1981), p. 49.

⁵ Na obra *A metáfora viva*, de 1975, o filósofo francês esclarece a importância central da imaginação criativa para o ser humano.

⁶ Seu interesse permanente em explorar as dimensões da subjetividade humana evidencia-se em sua obra mais recente, “*O si-mesmo como um outro*”, publicada em 1992.

⁷ *Idem op. cit.*

¹ Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



humanas. O projeto hermenêutico de Ricoeur possui um cunho transdisciplinar, “*não porque toma de empréstimo à outras disciplinas aquilo de que tem necessidade, mas porque se constrói na luz que reciprocamente lhe lançam linguagens oriundas de perspectivas profundamente distintas, porém suscetíveis de imprevisíveis convergências epistemológicas*”⁸. Outra característica fundamental da obra de Ricoeur é que seu método interpretativo consiste num esforço de “*salvar o homem da ciência*”, um esforço anti-positivista cujo ponto de partida é o homem.

Adriano Rodrigues distingue duas vertentes na hermenêutica atual: a metodológica, que “*procura numa meta-teoria o ponto de fuga que perspectivaria uma prática textual finita*” e a fenomenológica, mais preocupada com as modalidades de diferenciação dos signos, “*fadada a um incontornável destino fragmentário*”. Segundo o autor português, a primeira vertente está intimamente associada à suspeita de uma realidade escondida no texto manifesto, que a interpretação visa precisamente desvendar. Já a segunda vertente dedica-se a determinar as configurações que tecem a superfície expressiva do discurso, “*os reflexos significativos que emergem da cristalização de figuras in-significantes*”.

Ricoeur pode ser considerado representante da segunda vertente—a fenomenológica—conforme a distinção do autor português. Embora Ricoeur considere que a hermenêutica engendra um método de interpretação, sua hermenêutica não pode ser considerada metodológica, segundo a distinção feita por Rodrigues, por esta postura referir-se às análises que se encerram nos textos.

Ricoeur fundamenta sua hermenêutica numa fenomenologia eidética⁹, Husserl é uma de suas principais influências. Em 1950, traduziu as *Idéias diretrizes para uma fenomenologia*¹⁰, e comentou quase toda a obra do filósofo alemão. No entanto, em sua própria obra, Ricoeur não faz filosofia a partir de filosofia, pois ele não reflete a partir de idéias. Antes, ele se serve do pensamento de outros como instrumento. Busca o esclarecimento da existência mediante conceitos. Trata-se de um pensamento que se propõe a romper com qualquer tipo de idealismo. Sua filosofia consiste numa

⁸ Paul Ricoeur: “*Interpretação e Ideologias*”, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990 p.8

⁹ Aqui o termo *eidética* é utilizado no sentido que lhe atribuiu Husserl para indicar tudo o que se refere às essências das coisas, que são o objeto da pesquisa fenomenológica. Na filosofia clássica, *eidós* era o termo pelo qual Platão designava a idéia e Aristóteles a forma.

¹⁰ Obra publicada na Alemanha em 1913.

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



tentativa de exprimir e de dizer “o sentido do não-dito, porém dizível, da existência e da vida”.

Em face à diversidade de hermenêuticas, como o estruturalismo e a fenomenologia, Ricoeur esforça-se por realizar uma grande síntese. Ele argumenta que fenomenologia e hermenêutica pressupõem uma à outra. A conexão entre ambas remete a Heidegger, que utilizou o termo “hermenêutica” de Dilthey para distinguir sua própria investigação filosófica da cotidianidade da filosofia transcendental de Husserl. Husserl acreditava ser possível adquirir conhecimento objetivo ao suspender o interesse pelo mundo da vida do sujeito. Para capturar o conhecimento deste mundo, Heidegger reteve a noção husserliana de uma fenomenologia eidética, que assume o registro imediato do fenômeno de uma maneira figurativa, porém não interpretada.

Como Heidegger, Ricoeur também segue Husserl, mas como o Heidegger tardio, e particularmente, Gadamer, Ricoeur reconhece as bases ontológicas da compreensão na linguagem. Para Ricoeur, o ser do sujeito não é idêntico nas experiências imediatas. Logo, em vez de empreender uma descrição direta do *Dasein*¹¹, como Heidegger ou Merleau-Ponty, Ricoeur vê a necessidade de uma teoria hermenêutica da interpretação para desvelar o sentido subjacente constitutivo do *Dasein*.

Por meio de sua ênfase no pré-linguístico, a fenomenologia provê um meio de observação distanciada de descrições lingüísticas que partem de pre-concepções. O distanciamento é precisamente o que se requer para haver interpretação. Já que essa tarefa não pode ser realizada através da suspensão da subjetividade, Ricoeur conclui que o projeto da fenomenologia transcendental de Husserl só pode ser realizado por meio da aplicação de uma hermenêutica metodológica à fenomenologia.

Ricoeur também afirma que estruturalismo e hermenêutica podem ser perspectivas complementares para analisar a linguagem, o sentido e o simbolismo cultural, por razões similares àquelas que ele atribuiu à complementaridade da fenomenologia e hermenêutica.

¹¹ *Dasein*, termo habitualmente traduzido para o português como *presença*, refere-se a um modo de ser, o *ser-no-mundo*. Para Heidegger, *Dasein* não é sinônimo de existência e nem de homem, embora refira-se à condição humana. O conceito evoca o processo de constituição ontológica de homem, ser humano e humanidade. É na *presença* que o homem constrói seu modo de ser, a sua existência, a sua história. O homem se transforma no Ser, sendo.



Estruturalismo refere-se a um modo de indagação que inventaria os elementos de um sistema e observa a gramática de possíveis combinações. É exemplificado pela lingüística de Saussure e pela antropologia de Lévi-Strauss. A corrente estruturalista da hermenêutica, nas versões mais ingênuas, procura compreender um texto independentemente do autor ou compreender as intenções do autor melhor do que ele entendeu a si próprio—como pretendia Schleiermacher. Em cada caso, os estruturalistas acreditavam que eles possuíam alguma teoria crítica capaz de trazer à tona a leitura correta.

Ricoeur valoriza a análise estruturalista em sua habilidade de catalogar fenômenos e descrever suas possíveis combinações; mas sua fraqueza reside na inabilidade em prover algo mais profundo, ou consistente, do que descrições behavioristas de sistemas fechados. Todavia, a capacidade de gerar descrições estruturais complementa o método hermenêutico, que interpreta tais descrições atribuindo papéis funcionais ao fenômeno.

A universalidade da hermenêutica fundamenta-se na capacidade interpretativa do ser humano. A hermenêutica da linguagem escrita, que consiste na arte de interpretar um texto específico¹² está limitada à visão de mundo do intérprete. A relação privilegiada da hermenêutica com as questões de linguagem vem do caráter polissêmico das palavras: *“Este traço de nossas palavras de terem mais de uma significação quando as consideramos fora de seu uso em determinado contexto”*. O contexto, por sua vez, seleciona e determina o valor atual que adquirem as palavras numa *“mensagem determinada e veiculada por um locutor preciso a um ouvinte que se encontra numa situação particular”*. Essa seletibilidade do contexto é a contrapartida da polissemia. A primeira tarefa da interpretação é identificar a intenção de univocidade na recepção das mensagens. *“Consiste em reconhecer qual a mensagem relativamente unívoca que o locutor construiu apoiado na base polissêmica do léxico comum”*¹³.

Permitindo a possibilidade de múltiplos níveis de sentidos coerentes, a hermenêutica visa determinar o sentido profundo. Ricoeur distingue duas abordagens para chegar a este sentido: uma desmitologizante, que recupera sentidos latentes de símbolos sem destruí-los e uma desmitificante, que destrói os símbolos mostrando que eles apresentam uma falsa

¹² vale lembrar que Ricoeur estendeu a noção de texto para qualquer tipo de discurso ou registro, seja oral, visual ou escrito.

¹³ idem op.cit. p.19

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



realidade (à maneira de Marx, Freud e Nietzsche). A primeira abordagem trata os símbolos como uma janela dentro de uma realidade sagrada que se tenta alcançar. Mas a segunda trata os mesmos símbolos como uma falsa realidade cuja ilusão deve ser exposta e dissipada, para que ocorra uma transformação de ponto de vista—por exemplo, na descoberta de Freud das ilusões infantis no pensamento adulto. Assim, existem duas tendências aparentemente opostas, uma hermenêutica “revolucionária” e uma “conservadora”. Pode-se dizer que a hermenêutica crítica de Habermas cai na desmitificação revolucionária e a hermenêutica filosófica de Gadamer cai no campo mais conservador da desmitologização.

Ricoeur também se propõe a refletir criticamente sobre sua própria hermenêutica. Critica a pretensão das ciências humanas de atingir a cientificidade, desvelando as ideologias subjacentes a tal pretensão, procurando superar tanto a hermenêutica da tradição (que limita os sentidos possíveis), na proposta de Gadamer, quanto à crítica de Habermas (que busca transcender estes constrangimentos). Ricoeur nega a antinomia alegada entre Gadamer e Habermas, propondo uma síntese dialética¹⁴. Ele acredita que os interesses reclamados pelos dois autores não são incompatíveis, mas requerem um ao outro. Um é interessado na reinterpretação das tradições do passado e o outro na projeção utópica de uma humanidade liberta. O ideal da *comunicação não-perturbada* e o desejo de emancipação não começam com Habermas. Eles erigem-se, segundo Ricoeur, de uma tradição mais antiga: da tradição da concepção grega da *boa vida*, do êxodo e da ressurreição.

Ricoeur estabelece uma complementariedade entre compreender e explicar. Ele propõe uma integração dialética para a dicotomia existente em Dilthey entre compreensão (*erklaren*) e explicação (*verstehen*)—Para Dilthey, a *explicação nas ciências naturais opunha-se diametralmente à compreensão nas ciências humanas.*

¹⁴ Se, como acredita Gadamer, a compreensão é a mediação entre o horizonte imediato e seu horizonte emergente, então o intérprete deve distanciar-se em algum grau, para compreender o texto. O intérprete deve adotar uma auto-compreensão crítica, não diferente da adotada na crítica da ideologia. A hermenêutica incorpora, assim, uma crítica da ideologia. Igualmente, uma teoria crítica é uma pressuposição contextual que predetermina a leitura e compreensão derivadas. Logo, a crítica da ideologia incorpora a tradição.

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



A interpretação proposta por Ricoeur consiste numa alternância entre a formulação de hipóteses e sua validação por meio de argumentos. Ele combina duas hermenêuticas distintas, porém interdependentes: uma que vai da compreensão para a explicação e outra que vai da explicação à compreensão.

Na primeira, suposições, conjeturas subjetivas são validadas objetivamente. Aqui a compreensão corresponde à formulação de hipóteses, baseadas em analogias, metáforas e outras formas de “adivinhação”. A formulação de hipóteses não deve somente propor sentidos para termos e leituras para textos, como também assinalar importância a partes e invocar procedimentos classificatórios hierárquicos. O amplo alcance da formulação de hipóteses significa que interpretações possíveis devem ser alcançadas através de vários caminhos. A validação procede através da argumentação racional e debate baseado num modelo de procedimentos legais/judiciários. Por esta razão, distingue-se da verificação que repousa sobre provas lógicas.¹⁵

Na segunda hermenêutica que vai da explicação à compreensão, Ricoeur distingue duas instâncias considerando a função referencial do texto: uma abordagem subjetiva e uma alternativa estruturalista. O aporte subjetivo constrói por acréscimo o mundo que fica atrás do texto, mas deve contar com a visão de mundo do intérprete para sua pré-compreensão. Ainda que a visão de mundo construída possa gradualmente aproximar-se da visão de mundo do autor, a medida que a interpretação do texto avance, a subjetividade do intérprete não pode ser completamente superada. Em contraste, Ricoeur vê no aporte estruturalista a suspensão da referência ao mundo atrás do texto e o enfoque num inventário *behaviorista* das interconexões entre as partes internas do texto. A interpretação estrutural traz à tona uma interpretação profunda e uma superficial. A profunda não é o que o autor quis dizer, mas *do que* fala o texto, o tema, a referência não-ostensiva

¹⁵ Esse modelo pode levar a um dilema de “auto-confirmação” quando hipóteses não-validáveis são propostas. Ricoeur escapa a esse dilema incorporando a noção de Karl Popper de ‘refutabilidade’ (*falsifiability*) em seus métodos de validação, aplicados à coerência interna de uma interpretação e a plausibilidade relativa de interpretações concorrentes. Refutabilidade, para Popper, é aquilo que garante a cientificidade de uma teoria, ou seja, qualquer teoria que se pretenda científica tem que ser passível de refutação.



do texto. A compreensão requer uma afinidade entre o leitor e o assunto do texto, ou seja, o tipo de mundo aberto pelo texto. Em vez de impor uma interpretação fixa, isso canaliza o pensamento numa certa direção. Ao suspender o sentido e focalizar no aspecto formal dos gêneros refletidos no texto (em vários níveis), o método estrutural promove a objetividade, enquanto captura a subjetividade de ambos, autor e leitor.

Essencial na hermenêutica de Ricoeur é a distinção entre diálogo (falar/ouvir) e discurso (texto escrito). Segundo ele, o discurso é destacado das circunstâncias originais que o produziram, as intenções do autor estão distantes, o destinatário é geral e referências ostensivas estão ausentes. Uma idéia-chave na sua perspectiva é que uma vez que o sentido objetivo é liberto das intenções subjetivas do autor, múltiplas interpretações aceitáveis se tornam possíveis. Assim, o sentido é construído não apenas de acordo com a visão de mundo do autor, mas também de acordo com a sua significância na visão de mundo do leitor. Num movimento surpreendente, Ricoeur estende sua teoria da interpretação para a ação, argumentando que esta revela e evidencia as mesmas características estabelecidas pelo discurso separado do diálogo.

Mundo do texto e mundo do leitor

No capítulo homólogo do terceiro volume de *Tempo e Narrativa*¹⁶, Ricoeur se pergunta qual o ponto de intersecção entre o tempo da história e o tempo da ficção. Segundo ele, nos termos tradicionais de referência, a realidade do passado se opõe diametralmente a irrealidade da ficção. A história refere-se a um passado “real”, que aconteceu de fato, e foi testemunhado e documentado. Já a ficção descreve experiências irreais, no sentido de não terem acontecido, bem como são irreais seus personagens.

Para Ricoeur, entretanto, “realidade” é um conceito ingênuo, quando aplicado ao passado, como também o é o conceito de “irrealidade” aplicado às construções da ficção.

*“O ter-sido é problemático, na medida exata em que não é observável, quer se trate do ter-sido acontecimento, quer se trate do ter-sido do testemunho. A passadidade de uma observação no passado não é ela própria observável, mas memorável”.*¹⁷

A história é uma ciência empírica, pois depende da observação da experiência. Entretanto, como se tratam de experiências localizadas no passado, essas observações não possuem o mesmo grau de ‘objetividade’ das ciências naturais. Segundo Ricoeur, as

¹⁶ Mundo do texto e Mundo do leitor, In *Tempo e Narrativa* Vol.III, Campinas, editora Papyrus, 1995 p.274

¹⁷ ibdem

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



construções da história são representações de um passado que já foi, mas que pretende reconstruir objetivamente este passado. As narrativas historiográficas não se referem diretamente ao passado, mas o representam. Para Ricoeur, as noções de referência e redescrição não mais funcionam nesse caso. Ele propõe, então, como alternativa à noção tradicional de referência, os conceitos de *representância* ou *lugar-tenência* para o passado reconstruído pela história; e de *significância* para as obras de ficção. À esta função de *representância*, Ricoeur atribui a necessidade da história de pôr face-à-face o presente e o passado, bem como uma relação de dívida dos homens do presente em relação aos do passado, em que os historiadores deveriam restituir-lhes o que lhes é devido por seus feitos e conquistas. Trata-se de um reconhecimento póstumo, uma tentativa de monumentalizar e imortalizar o passado.

A irrealidade também é um conceito ingênuo, que precisa de uma revisão drástica, quando aplicado às projeções da ficção. Ricoeur estabelece um paralelismo entre a função de *representância* do conhecimento do passado e sua função correlata na ficção: a *significância*. Ele argumenta que a ficção representa a vida cotidiana. E, em relação às práticas cotidianas, a ficção tem uma função revelante, ao revelar características dissimuladas, mas já delineadas “*no coração de nossa experiência praxica*”; e uma outra função transformante, no sentido que uma vida examinada é uma vida mudada, diferente. Vale ressaltar que é somente pela mediação da leitura que a obra de ficção obtém sua *significância* completa—que estaria para a ficção assim como a *representância* está para a história. Em vez de referência, ele recorre ao conceito de *aplicação*, proveniente da tradição hermenêutica e reelaborado por Gadamer em *Verdade e Método*. Para Gadamer, a aplicação é uma parte orgânica de todo projeto hermenêutico. É um conceito análogo ao de *apropriação*, desenvolvido por Ricoeur.

A noção de *mundo do texto*, noção implicada na experiência temporal fictícia, é, segundo Ricoeur, apenas metade do caminho rumo à *aplicação*. Pois a obra literária transcende o texto na direção de um mundo. O mundo do texto assinala a abertura do texto para o que está fora dele, para o seu ‘outro’, na medida em que o mundo do texto constitui uma “*intenção absolutamente original, relativamente à estrutura interna do texto*”. Mesmo considerado à parte da leitura, o mundo do texto continua sendo uma transcendência na



imanência, um excesso à espera de leitura, ou seja, o mundo do texto excede sua estrutura textual. Porém, é somente no ato de leitura que o dinamismo da configuração¹⁸ encerra o seu percurso (de modo análogo, só no momento da recepção a comunicação completa o seu circuito). A passagem da configuração para a refiguração pressupõe o confronto do mundo do texto com o mundo do leitor. Essa intersecção entre os dois mundos é uma intersecção entre o mundo configurado pelo texto e o mundo “*no interior do qual a experiência efetiva se desenrola e desdobra sua temporalidade específica*”, ou seja: o mundo do leitor. Logo, a configuração só se torna refiguração na ação efetiva, consequência da leitura.

A *significância* da obra de ficção procede dessa intersecção. O fenômeno da leitura é o mediador necessário da refiguração. O dinamismo interno da configuração narrativa não é suficiente por si só. A passagem da configuração à refiguração exige o encontro entre o mundo *ficção* do texto e o mundo *real* do leitor. A leitura desempenha o papel estratégico na operação de refiguração. O leitor é o mediador último entre configuração e refiguração. Nesse sentido, o texto só existe no momento em que é lido.

Estão constituídas as bases para o que Ricoeur chama de “dialética da leitura”. É do autor que parte a estratégia de persuasão que tem como alvo o leitor. É a essa estratégia de persuasão que o leitor responde, acompanhando a configuração e apropriando-se da proposta do mundo do texto. Nesta dialética, segundo Ricoeur, três momentos distintos, porém interligados, devem ser considerados: 1) a estratégia fomentada pelo texto e dirigida para o leitor; 2) a inscrição dessa estratégia na configuração literária; 3) a resposta do leitor, considerado como sujeito que lê ou como público receptor. Os traços que assinalam a resposta do leitor à estratégia persuasão do texto, são os traços que sublinham o caráter dialético do ato de leitura. Ricoeur fala de um trabalho de leitura—equivalente ao trabalho

¹⁸ Para Ricoeur, existe uma correlação necessária entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana. A *mimese* consiste, segundo ele, na mediação entre tempo e narrativa, e é articulada em três momentos interligados (pre-figuração, configuração e refiguração). Ricoeur não se limita ao exame isolado da configuração, como as análises que consideram apenas as leis internas da obra literária. Antes, ele caracteriza a configuração (*mimesis II*) por sua função de mediação. “*O desafio é, pois, o processo concreto pelo qual a configuração textual faz a mediação entre a prefiguração do campo prático e sua refiguração pela recepção da obra.*” (*Tempo e narrativa*, tomo 1, p.85-87)

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



do sonho, para Freud—sugerindo que a leitura trabalha o texto graças a esses traços dialéticos.

A primeira dialética da leitura evidencia-se no combate entre a expectativa de uma configuração imediatamente legível e a estratégia de frustração inscrita no texto que atribui ao leitor a tarefa quase impossível de dar sentido a “lugares de indeterminação”¹⁹ que ofuscam a legibilidade do texto. O trabalho da leitura revela simultaneamente uma falta de determinação e um excesso de sentido. Todo texto é inesgotável à leitura, e a leitura empenha-se em se figurar no que não foi escrito pelo texto. Eis a segunda dialética da leitura: uma alternância entre carência e excesso de sentido. Múltiplos sentidos adormecidos na polifonia das palavras são selecionados pelo leitor a partir de seu mundo.

Na busca de coerência que atravessa o ato de leitura, se a obra parecer ao leitor demasiado coerente, familiar, que ele passa a crer nela a ponto de perder-se, a concretização transforma-se em ilusão. Entretanto, se a busca de coerência fracassa, a obra permanece estranha ao leitor. Na terceira dialética da leitura, então, a ‘boa leitura’ seria aquela que, ao mesmo tempo, admite um certo grau de ilusão e assume a polissemia da obra: “*A distância certa da obra é aquela em que a ilusão se torna alternadamente irresistível e insustentável*”. Pois nunca se alcança um equilíbrio entre esses dois impulsos. Tomando as três dialéticas em conjunto, percebemos a leitura como uma experiência viva.

A leitura, para Ricoeur, não é o que o texto prescreve, é o que revela a estrutura por meio da interpretação. Assim, uma teoria englobante da leitura não pode prescindir da categoria de *autor implicado*²⁰ que distingue-se do autor real, servindo-se de máscaras e disfarces para se transformar em implicado, por meio de procedimentos retóricos. Ricoeur fala de um *pacto de leitura*, em que a confiabilidade do narrador está para a narrativa de ficção bem como a prova documentária está para a historiografia. O autor implicado possui poderes retóricos propiciados pelo pacto de leitura—por exemplo: o poder de conhecer os outros por dentro, fazer apreciações do caráter dos personagens—a confiabilidade do

¹⁹ conceito central na *estética da leitura* de Ingarden, os “lugares” ou “pontos de indeterminação” resultariam da estratégia de frustração incorporada ao próprio texto, em vez de simplesmente designar lacunas na concretização configurante. Por concretização configurante, o pensador romeno entende o processo de modificação de expectativas que acompanha todo o ato de leitura.

²⁰ O autor implicado identifica-se com a voz narrativa, ou o ponto de vista da narrativa. Algumas traduções utilizam o termo implícito, com o mesmo sentido.

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



narrador restringe a liberdade e a reflexão por parte do leitor. Já a narrativa impessoal, característica da modernidade, desorienta o leitor e convida-o a refletir mais. Essa narrativa, segundo Ricoeur, requer um novo tipo de leitor, um leitor que responda:

“A função da literatura mais corrosiva pode ser contribuir para fazer aparecer um leitor de novo tipo, um leitor ele próprio desconfiado, porque a leitura cessa de ser uma viagem confiante, feita em companhia de um narrador digno de confiança, e torna-se um combate com o autor implicado, um combate que o reconduz a si mesmo”²¹.

E mais adiante: *“sem leitor que o acompanhe, não há ato configurante em ação no texto; e sem leitor que se aproprie dele, não há mundo desdobrado diante do texto. E, no entanto, renasce continuamente a ilusão de que o texto é estruturado em si e por si, e de que a leitura acontece ao texto como um evento extrínseco e contingente”²².*

Para uma teoria englobante da leitura, é preciso considerar os textos como obras abertas. Segundo Ricoeur, obra aberta é uma escrita que só se deixa interpretar em função das interpretações que abre. Ricoeur introduz a noção de reflexividade da leitura, o que permite que o ato de ler se liberte da leitura inscrita no texto e dê a réplica ao texto.

Ricoeur examina as teorias tradicionalmente incumbidas de estudar o fenômeno da leitura, questionando sua capacidade de fornecer uma teoria englobante da leitura. A perspectiva retórica, segundo ele, ignora a resposta do leitor, e considera-o vítima e presa fácil da estratégia de persuasão fomentada pelo autor implicado. Por isso, um melhor entendimento da leitura requer uma teoria que leve em conta as respostas do leitor às estratégias do autor implicado.

Tal teoria aproxima-se de uma *estética* da leitura, no sentido amplo, tal como os gregos a entendiam, e cujo tema seria a exploração das múltiplas maneiras como uma obra, ao agir sobre um leitor, o afeta. *“Esse ser afetado tem de notável o fato de combinar, numa experiência de texto particular, uma passividade e uma atividade que permitem designar como recepção de um texto a própria ação de lê-lo”²³.*

²¹ Mundo do texto e Mundo do leitor, In *Tempo e Narrativa* Vol.III, Campinas, editora Papyrus, 1995

²² idem op.cit. p. 283

²³ idem op.cit. p.286



Ricoeur, na constituição de sua fenomenologia da leitura, se vale das investigações realizadas pela linha de pesquisa denominada *Estética da Recepção e do Efeito*, desenvolvida na Escola de Konstanz, em Praga, República Tcheca. Wolfgang Iser, um de seus principais autores, estuda o efeito produzido no leitor individual e sua resposta, e seu colega Hans Jauss estuda a resposta do público em suas expectativas coletivas. Para eles o texto revela sua “estrutura de apelo” através da leitura individual. Mas o leitor competente participa das expectativas sedimentadas no público. Assim, a *Estética da Recepção e do Efeito* tem duas vertentes principais. A vertente representada por Iser concentra-se no ato individual de ler e a vertente representada por Jauss trata da recepção pública da obra.

A *Estética da Recepção* de Jauss é uma tentativa de renovar a história da literatura. Para ele, a significação de uma obra literária se baseia na relação dialógica instaurada entre ela e seu público em cada época. Jauss considera que o efeito produzido por uma obra, isto é, o sentido que um público lhe atribui, está incluído “no perímetro mesmo da obra”. Jauss tem uma concepção dialógica da recepção. Ele também se vale da noção de horizonte de expectativa²⁴, pelo seu caráter intersubjetivo que fundamenta toda nossa compreensão. Jauss acredita que esse horizonte de expectativa pode ser reconstituído objetivamente. A história literária, para Jauss, deve identificar os sucessivos desvios estéticos entre o horizonte de expectativa preexistente e a obra inovadora, pois, segundo ele, ambos balizam a recepção da obra. As obras novas teriam, nessa perspectiva, um efeito de mudança de horizonte. A lógica da pergunta e resposta, outra influência de Gadamer em Jauss, consiste em compreender uma obra tentando descobrir a que pergunta ela responde, “*reencontrar o jogo das perguntas que a obra se propõe a responder*”. A recepção da obra realiza uma mediação entre os horizontes de expectativa do passado e os do presente. É de Jauss a afirmação: “*A multiplicidade de fenômenos literários, vistos do ângulo da recepção, não deixa de se recompor, para o público que a percebe, com a produção de seu tempo e estabelece relações entre suas obras diversas, na unidade de um horizonte comum, feito de*

²⁴ Horizonte de expectativa é um conceito originário de Husserl, foi posteriormente apropriado e reelaborado por Gadamer, e refere-se ao sistema de referências forjadas pelas tradições culturais anteriores.

¹ Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



*expectativas, de lembranças, de antecipações, e que determina e delimita a significação das obras”.*²⁵

O propósito inicial de Jauss de renovar a história literária expandiu-se abarcando um projeto ambicioso de constituir uma hermenêutica literária, que concebe a atividade estética do leitor/receptor como produtora de conhecimento. A leitura proporciona, nessa ótica, um prazer estético pleno de compreensão. Essa compreensão derivada do deleite, da fruição estética, já contém em si o horizonte de expectativa. A hermenêutica literária²⁶ possui uma tripla tarefa: compreender, explicar e aplicar: A primeira leitura de uma obra, a compreensiva, caracteriza-se por uma riqueza de sentidos, é a etapa da compreensão perceptiva e das sugestões de sentido. A segunda leitura, explicativa, possui um caráter seletivo e distanciado. É a tematização, quando o leitor segue as questões deixadas em aberto na primeira etapa. E a terceira etapa, da aplicação, caracteriza-se pela elucidação do horizonte histórico. A aplicação resulta no discernimento de contornos morais—“*a obra ensina*”. A catarse, efeito da aplicação, torna o leitor livre para novas avaliações da realidade. E, como efeito da catarse, surge a alegorização, que consiste na transferência de contextos—paródia—em que novas significações transcendem a intencionalidade do texto em seu contexto original. É bom lembrar que qualquer leitura só oferece uma interpretação entre outras possíveis.

Jauss ressalta o poder de comunicabilidade de uma obra. Para ele, o prazer estético tem o poder de abrir um espaço de sentido. Ele dá a compreender: “*É uma recepção que percebe, atenta às prescrições da partitura musical que é o texto*”. Todavia, a comunicabilidade de uma obra contrapõe-se à sua referencialidade. Para Ricoeur, uma estética da recepção não pode levantar o problema da comunicação sem levantar o da referência. “*O comunicado, em última instância, é, para além do sentido de uma obra, o mundo que ela projeta e que constitui seu horizonte*”.

A associação entre a história literária e a estética da recepção dá origem à fenomenologia do ato de ler. A fenomenologia desenvolvida por Ricoeur tem seu ponto de

²⁵ *apud* Ricoeur op.cit. p. 312

²⁶ Ricoeur apresenta duas razões para o desprezo da hermenêutica literária: a análise meramente estrutural, que não se importa com o que ocorre fora do texto; e a estética negativa de Adorno, que vê no prazer estético apenas uma compensação burguesa do trabalho.

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



partida no aspecto inacabado do texto literário. O texto literário é inacabado por dois motivos: primeiro, porque oferece diferentes “vistas esquemáticas” que o leitor deve concretizar: “*O texto é como uma partitura musical, suscetível de várias execuções*”. O leitor também pratica uma atividade figurante, pois ele se figura os acontecimentos relatados pelo texto. Toda obra apresenta brechas, “lugares de indeterminação” em relação à concretização figurante. Em segundo lugar, o texto é inacabado pois o mundo que ele propõe se define como correlato intencional de uma seqüência de frases, que precisa ser transformada num todo, cada frase aponta para além de si mesma, indica algo a fazer, abre uma perspectiva.

Com a noção de *ponto de vista viajante*, Iser indica que a totalidade do texto nunca pode ser percebida de uma só vez. Para ele, o leitor está situado no interior do texto literário. E, a medida que avança na leitura, ele viaja com o texto.

Na fenomenologia da leitura proposta por Ricoeur, a contrapartida do autor implicado na retórica da ficção é o *leitor implicado*. Nenhum texto é mudo em relação ao leitor. O próprio leitor é construído no e pelo texto. As opções de leitura já estão configuradas no texto. Ambos, autor e leitor implicados, tem suas marcas inscritas no texto, todavia, a simetria entre os termos é apenas aparente. Ricoeur afirma que a simetria é enganosa, pois “*o autor implicado é um disfarce do autor real, que desaparece transformando-se em narrador imanente à obra—voz narrativa. Em contrapartida, o leitor real é uma concretização do leitor implicado, visado pela estratégia de persuasão do narrador*”²⁷. Ou seja, o autor implicado, de acordo com Ricoeur, se identificaria com o estilo da obra, e o leitor implicado se identificaria com o destinatário da obra, pretendido pelo autor. O leitor implicado permanecerá virtual enquanto não for atualizado pelo ato de leitura: “*ao passo que o autor real se apaga no autor implicado, o leitor implicado ganha corpo no leitor real*”.

O leitor implicado é diferente de qualquer leitor real. Iser afirma: “*o leitor implícito não está ancorado em algum substrato empírico, mas inscreve-se no próprio texto*”, ou seja, ele faz parte da dinâmica interna da narrativa. A noção de leitor implícito, em Iser, diz respeito a um “*modelo transcendental que permite explicar como o texto de ficção produz*

²⁷Mundo do texto e Mundo do leitor, In *Tempo e Narrativa* Vol.III, Campinas, editora Papirus, 1995

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



um efeito e adquire um sentido”. O leitor implicado não existe enquanto não for atualizado por um leitor real, ou melhor, só existe na intenção do narrador. Já o autor implicado, esse é o que aparece no texto, é a máscara do autor real.

A fenomenologia do ato de leitura trata do leitor real, o pólo oposto do texto na interação que dá a significação da obra. Para se compreender o tema da interação em toda sua abrangência, é necessário dar um passo para fora da estrutura do texto. A interação pressupõe um leitor de carne e osso. O leitor real, ao efetuar o papel do leitor implicado—ou implícito—no e pelo texto, transforma-o.

A dialética da leitura proposta por Ricoeur é uma dialética entre apropriação e distanciamento, em que a leitura ora aparece como uma interrupção no ciclo da ação, ora aparece como um novo impulso para a ação. Tais papéis divergentes decorrem, segundo Ricoeur, da função de enfrentamento e de ligação entre o mundo imaginário do texto e o mundo efetivo do leitor. Enquanto o leitor acompanha as expectativas propostas pelo texto ele se torna tão irreal quanto o mundo fictício. A leitura, neste momento, torna-se também um lugar irreal, ocorre uma pausa na reflexão. Por outro lado, enquanto o leitor incorpora (inconscientemente ou não) os ensinamentos de suas leituras à sua visão de mundo, a leitura deixa ser um lugar em que ele se detém para ser um meio que ele atravessa.

A ‘boa leitura’, portanto, é a que produz um equilíbrio entre a ilusão, quando o leitor se entrega à irreabilidade proposta pelo texto, e a reflexão, quando o leitor se distancia do texto e reflete sobre ele, confrontando-o com leituras anteriores, quando ele dialoga com o texto. Embora a teoria da leitura presente em *Mundo do texto e Mundo do leitor* se refira à leitura dos romances literários, seus brilhantes *insights* têm muito a dizer sobre o *como* da relação do leitor com o texto, podendo ser aplicados²⁸ ao estudo da recepção de mensagens midiáticas. O próprio autor nos autoriza a tal aplicação, ao estender a noção de texto para qualquer objetivação humana.

A fenomenologia da leitura tem o mérito de superar as análises que se limitam aos textos, buscando atingir o leitor real, o sujeito histórico e cultural que produz sentido apropriando-se dos textos e interpretando-os. Tal perspectiva reconhece os aspectos dialógicos da comunicação.

²⁸ No sentido que Gadamer atribuiu ao termo aplicação

1 Trabalho apresentado no NP01 – Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

*

Bibliografia

- BORDINI, Maria da Glória. “*Fenomenologia e Teoria Literária*”. SP, Edusp, 1990
HEIDEGGER, Martin. “*Ser e Tempo*”. Petrópolis, Vozes, 1988
RICOEUR, Paul. “*Interpretação e Ideologias*” Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990
-----“*Tempo e Narrativa*”. vol.III Campinas: Papyrus, 1995
THOMPSON, John B. “Paul Ricoeur: *The Task of Hermeneutics*”
(in *Hermeneutics and the Human Sciences*)
New York: Cambridge University Press, 1981

Autorizo a publicação do presente texto.

Luanda Schramm,

Niterói, 28 de abril de 2002.